

18 ABR 2004

ENTREVISTA

Há pouca gente satisfeita com Lula, diz Paim

Para o senador petista, luz amarela do governo está acesa e presidente precisa agir com rapidez

ROSA COSTA

BRASÍLIA – Amigo de longa data do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e fundador do PT, o vice-presidente do Senado, o gaúcho Paulo Paim engrossa o coro de queixas contra o governo. “Satisfeita mesmo pouca gente está”, diz, com ar desolado. Mas acredita em mudanças e aponta soluções. Uma delas, diz, é o presidente abandonar a “blindagem” que lhe foi imposta desde o início do governo pelo chamado núcleo central do governo. É essa blindagem, na opinião do senador petista, que tem impedido Lula de adotar medidas urgentes para o crescimento do País e a geração de emprego. Paim alerta que a “luz amarela” do governo está acesa e que é preciso agir com rapidez antes que a situação se agrave.

Estado – O sr. está satisfeito com os 15 meses do governo Lula?

Paulo Paim – Acho que satisfeita, mesmo, muito pouca gente está. No primeiro ano do governo Lula, eu diria que foi correta a busca da estabilidade, do controle da inflação e da credibilidade a nível internacional. Mas neste segundo ano, as expectativas aumentaram. É preciso que haja investimentos no social, que a economia comece a crescer, porque senão começa a acender o sinal amarelo. E do amarelo para o vermelho é rápido. Eu diria que precisamos avançar em alguns temas cruciais, como a queda das taxas de juros e na adoção de políticas afirmativas, principalmente na linha de emprego e de renda.

Estado – O sr. concorda com a crítica de que o governo está muito lento e que os encarregados da máquina administrativa não conseguem se entender?

Paim – Eu não diria que é isso porque não tem time do eu jogo sozinho. Todo mundo sabe que, se jogar sozinho, a máquina não funciona. Então, eu acho que aí nós temos um problema de política do governo e isso é globalizado e não setorizado deste ou daquele ministério. É preciso que haja sintonia entre os ministérios. Acho que os titulares da cada pasta têm de ter uma política definida porque isso é um projeto de governo e não desse ou daquele ministério.

Estado – Ministros, como Amir Lando, da Previdência, se queixam de que não têm o comando da pasta, preenchida por pessoas indicadas pelo PT...

Paim – Se isso está ocorrendo é porque eles (os ministros) se sujeitaram a isso. Eu, por exemplo, sou vice-presidente do Senado. Acontece aqui o que eu permito pelo cargo que ocupo. O titular da pasta do ministério que não estiver conseguindo influenciar nos quadros intermediários, é porque ele permitiu. Ele tem de ter um pouco de ousadia e firmeza no encaminhamento de suas posições.

Estado – Como amigo de longa data do presidente Lula, que conselhos o sr. daria a ele?

Paim – O primeiro deles é que é preciso valorizar mais o Senado. Não é possível o governo não ter percebido que não adianta ter uma maioria na Câmara e ser uma minoria aqui. Em segundo lugar, acho que se criou uma blindagem em torno do presidente e ele ouve sempre as mesmas pessoas. Ele deveria ouvir outras pessoas de fora, e não só aquelas que estão 24 horas à sua volta. Porque o time que está mais perto, tem sempre – até para continuar como titular da equipe – de falar aquilo que o presidente gostaria de ouvir. É preciso que os que estão fora falem aquilo que ele não quer, mas que deve ouvir. Iria sugerir também que

o presidente enfocasse a questão social com muito mais firmeza. Não se trata de apresentar mais um projeto, mas sim ações concretas.

crescimento econômico e renda, daí os desempregados da cidade tendem a migrar para os movimentos que apontam alguma alternativa. Se nós conseguirmos alavancar o

crescimento e gerar emprego, é natural que esses trabalhadores voltarão para o seu leito natural, até porque grande parte deles não são agricultores. A melhor forma de responder neste mo-

Ele (Lula) deveria ouvir outras pessoas de fora, e não só aquelas que estão 24 horas à sua volta



Paim: “Os ministros têm de ter um pouco de ousadia e firmeza”

mento à política de movimentos sociais é apostar no crescimento, emprego e renda. Por

outro lado, a gente tem de entender que nos palácios de Brasília, e eu me refiro ao

Congresso, Judiciário e Executivo, funcionam muito de acordo com o rufar dos tambores na rua. O MST sabe que, se eles não se movimentarem, a reforma agrária não acontecerá e tem de acontecer dentro do escopo da lei.

Estado – E a posição do governo diante das invasões?

Paim – O que o governo tem de fazer neste momento é ter planos e metas no que tange à reforma agrária e ter investimento na política econômica para gerar empregos. É isso que vai fazer com que esses trabalhadores que estão a migrar para o campo fiquem na cidade.